

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS, ARTES E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO
DARLIHANNE DA SILVA LUZ

EDUCOMUNICAÇÃO E O ESPAÇO ESCOLAR:

Produção do jornal 'Hora do Recreio'

MACAPÁ

2017

DARLIHANNE DA SILVA LUZ

EDUCOMUNICAÇÃO E O ESPAÇO ESCOLAR:

Produção do jornal 'Hora do Recreio'

Memorial Descritivo do Projeto Experimental:
EDUCOMUNICAÇÃO E O ESPAÇO ESCOLAR:
Produção do jornal 'Hora do Recreio', apresentado
ao Curso de Jornalismo, da Universidade Federal
do Amapá, como requisito final à disciplina de
Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção
do título de Bacharel em Comunicação Social –
Jornalismo. Sob Orientação do Prof. Me. Paulo
Vitor Giraldi Pires.

MACAPÁ

2017

SUMÁRIO

RESUMO	5
INTRODUÇÃO	6
1 PROBLEMA	8
2 HIPÓTESE	8
3 JUSTIFICATIVA	9
4 OBJETIVO	11
4.1 GERAL.....	11
4.2 ESPECÍFICOS.....	11
5 REFERENCIAL TEÓRICO	12
5.1 EDUCAÇÃO.....	12
5.2 COMUNICAÇÃO.....	15
5.2.1 Veículos de comunicação no Brasil	17
5.3 MÍDIAS NA EDUCAÇÃO.....	18
5.4 EDUCOMUNICAÇÃO.....	20
5.5 TEORIA DA COMUNICAÇÃO APLICADA.....	25
5.5.1 ESPIRAL DO SILÊNCIO.....	25
6 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO JORNAL	32
6.1 COMUNICAÇÃO.....	32
6.2 O TEXTO.....	32
6.3 CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE	33
6.4 FOTOGRAFIA.....	34
6.4.1 Fotojornalismo	37
6.5 A ARTE DA DIAGRAMAÇÃO.....	37
6.5.1 Diagramação	37
6.5.2 Cor	38
6.5.3 Logotipo	38
6.5.4 imagens	39
6.5.5 Formato de jornais	39
6.5.6 Tipografia	39
6.6 JORNAL 'HORA DO RECREIO'.....	39
6.6.1 Nome do jornal	40
6.6.2 Logo do jornal	40
6.6.3 Diagramação do jornal	40
6.6.4 Cores do jornal	40
6.6.5 Tipografia do jornal	41
6.6.6 Pautas	41
6.6.7 Fontes de informação	41
6.6.8 Formato do jornal	41
6.6.9 Tiragem do jornal	41
6.6.10 Imagens do jornal	42
7 METODOLOGIA	42
7.1 1ª ETAPA: SELEÇÃO DA ESCOLA CAMPO.....	42
7.2 2ª ETAPA: ESTUDO DE CASO.....	43
7.3 3ª ETAPA: APLICAÇÃO DAS OFICINAS.....	43
7.4 4ª ETAPA: CONFECÇÃO DO JORNAL ESCOLAR.....	47
8 CONSIDERAÇÕES	49
REFERÊNCIAS	51
ANEXO	55

LISTA DE QUADRO E GRÁFICOS

Quadro 1 – Gerbase, 2013.....	35
Quadro 2 – Dados organizados pela autora, 2017.....	47
Quadro 3 – Dados organizados pela autora, 2017.....	48
Gráfico 1 – Índices de criminalidade da Comarca de Macapá	42

RESUMO

Este memorial descreve o processo de elaboração e execução do jornal escolar produzido pela turma do 7º ano 'A', do turno da manhã da Escola Estadual Mário David Andreazza, localizada no bairro Perpétuo Socorro, na cidade de Macapá. O jornal, desenvolvido pelos estudantes com orientação desta pesquisadora, abordou temas do cotidiano da escola e do bairro e de interesses dos alunos. A proposta do projeto consiste na elaboração de um jornal escolar como ferramenta de socialização de ideias e temas diferenciados dos que geralmente contêm no currículo escolar. Devido ao pouco estímulo à reflexão, os estudantes se tornam sujeitos sem voz na sociedade, por isso é importante abrir esse espaço e provocá-los a exteriorizar questões de seu interesse. A Educomunicação tem buscado desenvolver a reflexão crítica no ambiente escolar por meio de recursos tecnológicos e da Comunicação Midiática. O método utilizado na construção deste trabalho foi o estudo de caso.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação, educação, Educomunicação, jornalismo impresso.

INTRODUÇÃO

O termo educomunicador foi utilizado pela primeira vez por Mario Kaplún para nomear o comunicador que atuava com comunicação alternativa na América Latina. A Educomunicação é um novo campo de estudo que surgiu com o objetivo de contribuir com a formação de cidadãos e está associada às práticas sociais. Ela cria, desenvolve o diálogo e facilita o aprendizado utilizando mídias da comunicação como suporte à educação.

O termo educomunicação já aparecia em discussões da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) desde 1980 para denominar ações de comunicação voltadas para a educação. A pesquisa em Educomunicação, apesar de recente, já possui diversos estudos voltados para o tema. No Brasil, o Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) realiza pesquisas na área desde o final dos anos 1990, e hoje a faculdade tem uma graduação em Educomunicação.

A elaboração deste projeto iniciou com o desejo de explorar esse campo novo, por isso, primeiramente foi realizada a pesquisa bibliográfica. Na fase seguinte do projeto, foi feita a escolha da mídia a ser utilizada, optou-se pelo jornal impresso com o objetivo de despertar nos estudantes o interesse pela leitura.

A partir de então, iniciou-se a parte prática do projeto. Primeiramente com a escolha da escola onde o mesmo seria desenvolvido. A intenção era encontrar uma escola pública que atendesse crianças em risco social, localizada em área periférica da cidade, justamente por se deduzir que estes estudantes não têm incentivos à expressão e à observação de seu ambiente, com o objetivo de dar voz aos estudantes e conhecer seus interesses.

Diante disso foi escolhida a escola Mário David Andreazza, localizada no bairro Perpétuo Socorro. A escola abriu espaço para aplicação do projeto na turma do 7º ano 'A', turno da manhã, que no momento estava com um horário vago, pela carência de professor da disciplina de Inglês. A produção do jornal foi aplicada por meio de quatro oficinas, no período de 23 de agosto a 30 de setembro de 2016, uma vez por semana, com duração de 30 minutos cada. E ainda foi utilizado o contra turno para finalização de matérias e diagramação.

O jornal foi pensado e executado pelos alunos com o auxílio desta acadêmica de jornalismo. Contém oito páginas tratando de assuntos relacionados à escola e à

comunidade escolar, foi impresso em tamanho A4, em preto e branco e a tiragem foi de 100 exemplares.

Jornal escolar¹ é uma das formas de conectar educação e comunicação. A criação e utilização de jornais em sala de aula não é uma proposta apenas da Educomunicação. Trata-se de uma ferramenta explorada por educadores a fim de estimular o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, bem como instigar a criticidade dos educandos.

Para os estudantes, escrever sobre a realidade que eles veem diariamente é uma forma diferente de enxergar o seu ambiente e, a partir disso, podem melhorá-lo. A construção do jornal Hora do Recreio possibilitou aos educandos questionar sobre seu espaço na sociedade, refletir sobre questões que os inquietam, ter contato com a mídia impressa e exercitar a leitura e a escrita.

A revisão teórica para produzir o jornal na escola passou pela educação, analisando conceitos que se encaixam no campo desta pesquisa; abrangeu naturalmente conceito, evolução e teoria da comunicação; e quanto à educomunicação, o memorial relata sobre seu princípio, conceitos e possibilidades. Este trabalho traz também embasamento teórico para cada item utilizado na produção do jornal Hora do Recreio e relata o processo de produção do mesmo, suas etapas, definições e finalização.

¹ Jornal produzido dentro da escola por alunos podendo ou não ser orientado por professores, coordenadores pedagógicos, diretores e outros.

1 PROBLEMA

O jornal escolar pode contribuir para uma formação crítico-reflexiva dos estudantes de ensino fundamental, levá-los ao hábito da leitura e ainda ser um meio deles se expressarem?

2 HIPÓTESE

O jornal escolar contribui com a formação crítico-reflexiva dos educandos do ensino fundamental e incentiva o hábito da leitura. No entanto, tal instrumento não é utilizado de maneira adequada pelos educadores ou simplesmente não provoca o interesse dos educandos por existir meios mais atraentes para eles, como redes sociais, vídeos games e outros.

3 JUSTIFICATIVA

Os educandos da escola Estadual Mário David Andreazza não têm um espaço de exposição, discussão e reflexão de assuntos que os inquietam. A escola tem o papel de realizar ações que possibilitem a transformação por meio de incentivos, tendo como instrumento pedagógico a leitura e a escrita. No entanto, quando isso é aplicado de forma mecânica, retira do aluno a possibilidade de compreender sua ação.

Com o jornal escolar, o educando compreende algumas práticas usadas pelos meios de comunicação, além de levá-lo a analisar temas atuais e conhecer o processo de elaboração de uma notícia. Portanto, com esta proposta busca-se contribuir com a disseminação e produção de informação que tenha relação com a realidade local. A construção do jornal faz com que o educando adquira conhecimento ao longo do processo, pois proporciona a ele uma ampla leitura de assuntos do cotidiano, notícias sobre sua comunidade. Assim, a primeira experiência de elaboração da notícia passa a ser absorvida de forma simples e faz com o processo de reflexão crítica comece desde cedo.

A leitura do jornal aguça a curiosidade e dá novas perspectivas no campo pessoal, profissional e social e, ainda, permite que o educando tome conhecimento de questões de interesse público. Desta forma, o jornal torna-se um suporte para a formação de leitores críticos e conscientes de seu papel na sociedade.

Este projeto busca resgatar o hábito da leitura por meio da construção de um jornal escolar, pois exige dedicação ao levar o educando a ler, escrever e interpretar textos. É uma ferramenta que difere dos métodos tradicionais utilizados em sala de aula, o que acaba por envolver o aluno no projeto e contribui para sua formação.

A área Educomunicação ainda é pouco explorada no campo do jornalismo e este trabalho tem a intenção de contribuir com as pesquisas voltadas para o tema, por trazer em seu conteúdo a discussão sobre a elaboração do jornal impresso e seu efeito em sala de aula. Este trabalho abre a possibilidade para novas pesquisas e busca um entrelaçamento entre a comunicação e a educação, duas vertentes extremamente importantes para a sociedade.

O trabalho pretende, também, contribuir com a sociedade e incentivar a formação de sujeitos críticos, que fazem leitura de mídia, que têm desejo de se expressar e serem escutados. O projeto mostra o jornal impresso como ferramenta

importante e dá visibilidade a uma comunidade, que, apesar de estar localizada próxima ao centro da cidade, é uma área periférica. Além disso, o jornal produzido dentro de uma escola do bairro mostra que no Perpétuo Socorro existem pautas positivas que podem ser veiculadas nas mídias locais.

4 OBJETIVO

4.1 GERAL

Incentivar a produção de um jornal escolar, proporcionando ao educando um espaço de reflexão sobre temas relacionados ao ambiente em que estão inseridos, aprimorando a leitura e escrita.

4.2 ESPECÍFICOS

- Levar o educando a construir uma visão crítico-reflexiva sobre sua realidade;
- Envolver o educando no processo de produção de um jornal fazendo com que ele socialize suas ideias e percepções;
- Incentivar o processo de aquisição de linguagem por meio da leitura e escrita;
- Criar uma relação de integração/comunicação entre educando, professor e demais agentes escolares.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 EDUCAÇÃO

A escola é o ambiente que busca formar o cidadão e integrá-lo à sociedade desde cedo. Os métodos de ensino mudam de acordo com o pensamento do educador. Freire (1996, p. 12) comenta sobre a forma mecânica utilizada nas escolas e afirma que “ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado”. O autor reforça que “ensinar é criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção, pois quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”.

Ensinar é uma troca, pois não existe aquele que é detentor de todo o conhecimento e nem aquele que é completamente vazio que só espera para ser preenchido como uma vasilha onde apenas depositam algo.

[...] ensinar exige respeito aos saberes dos educandos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos de viverem em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, dos riachos e dos córregos e dos baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem a saúde das gentes? (FREIRE, 1996, p. 17).

Silva (2010) também fala dessa prática de ensino. Para ele, a educação é mais do que transmissão de conhecimento, é algo que envolve todos os atores pedagógicos. Trata da educação classificada como bancária, quando o diálogo é deixado de lado.

A educação bancária expressa uma visão epistemológica que concebe o conhecimento como sendo constituído de informações e de fatos a serem simplesmente transferidos do professor para o aluno. O conhecimento se confunde com um ato de depósito - bancário nessa concepção, o conhecimento é algo que existe fora e independentemente das pessoas envolvidas no ato pedagógico. [...] Em vez do diálogo, há aqui uma comunicação unilateral na perspectiva da educação problematizadora [...]. O mundo - objeto a ser conhecido - não é simplesmente ‘comunicado’, o ato pedagógico não consiste em simplesmente ‘comunicar o mundo’. Em vez disso, educador e educando criam, dialogicamente o conhecimento do mundo (SILVA, 2010, p 59-60).

Na educação bancária, o educando é visto como um indivíduo desprovido de conhecimento e é submetido a esse método educacional no qual o ensino percorre apenas uma direção, ou seja, do professor para o aluno. De acordo com Freire (1996), o educador deve respeitar a leitura de mundo do educando e ajudá-lo a fazer isso de maneira mais crítica.

Martín-Barbero (2000) fala do modelo vertical de ensino, que apresenta dificuldades em retratar a realidade do educando. Ele destaca que um dos principais desafios culturais apresentados pela comunicação para a educação é o uso de novas tecnologias no ensino, sem mudanças no modelo de comunicação do sistema escolar.

O modelo predominante é vertical, autoritário na relação professor-aluno e linearmente sequencial no aprendizado. Introduzir nesse modelo, meios e tecnologias modernizante é reforçar ainda mais os obstáculos que a escola tem para se inserir na complexa e desconcertante realidade de nossa sociedade. A obstinada crença de que os problemas da escola podem ser solucionados sem que se transforme o seu modelo comunicativo-pedagógico [...] é um autoengano. Enquanto permanecer a verticalidade na relação docente e a sequencialidade no modelo pedagógico, não haverá tecnologia capaz de tirar a escola do autismo em que vive (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 123).

Silva (2010) acredita ser interessante levar em conta a experiência de mundo dos estudantes e incentivá-los a mudar sua realidade e também questiona a respeito dessa metodologia de ensino, nomeada por Freire de educação bancária.

O que deve estar no centro do ensino: os saberes 'objetivos' do conhecimento organizado ou as percepções e as experiências 'subjetivas' das crianças e dos jovens? Em termos sociais, quais devem ser as finalidades da educação: ajustar as crianças e os jovens à sociedade tal como ela existe ou prepará-los para transformá-la? (SILVA, 2010, p. 22).

Para ensinar não basta falar superficialmente sobre determinado assunto, mas ser curioso e instigador para que o aluno busque saber cada vez mais. Ao destacar a importância de se incentivar a curiosidade, Freire (1996, p. 14) defende que, "essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes".

A curiosidade proporciona o aprendizado real e o aluno precisa construir seu conhecimento por meio dela, pois, para Freire (1996), dificultar ou inibir a curiosidade do educando e do educador é a negação da experiência formadora.

É preciso mostrar ao educando que o uso ingênuo da curiosidade altera a sua capacidade de achar e obstaculiza a exatidão do achado. É preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor (FREIRE, 1996, p. 63).

Freire (1996) acredita que o bom clima pedagógico-democrático acontece quando o educando aprende à custa de sua prática, mesmo que sua curiosidade e liberdade estejam sujeitas a limites. Por isso é preciso se manter em permanente exercício.

Muitas vezes o aluno não entende o assunto ministrado pelo professor por que é retratado de uma forma que foge de sua realidade. Para resolver esse impasse, Freire (1996) propõe que professores utilizem atos/ações/fatos do cotidiano do educando, e indaga: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”

E para afirmar isso, Saviani (2008) chama a atenção para o fato da existência da educação assimétrica, ou seja, uma educação subconsciente que se dá de forma natural.

As pessoas se comunicam tendo em vista objetivos que não o de se educar e, no entanto, educam e se educam. Trata-se, aí da educação assistemática; ocorre uma atividade educacional, mas ao nível da consciência irrefletida, ou seja, concomitantemente a uma outra atividade, esta sim, desenvolvida de modo intencional. Quando educar passa a ser objeto explícito da atenção, desenvolve-se uma ação educativa intencional, então temos a educação sistematizada. O que determina a passagem da primeira para segunda forma, é o fato de a educação aparecer ao homem como problemática; ou seja: quando educar se apresenta o homem como algo que ele *precisa fazer* e ele *não sabe como fazê-lo*. É isto o que faz com que a educação ocupe o primeiro plano na sua consciência, que ele se preocupe com ela e reflita sobre ela (SAVIANI, 2008, p.84).

O que Saviani (2008) destaca é que é possível uma educação não intencional e isso pode ocorrer em um diálogo corriqueiro com qualquer pessoa, pois quando o indivíduo não se sente pressionado, fica mais fácil a transmissão de conhecimento.

Do ponto de vista da educação, a promoção do homem, ou humanização, significa torná-lo cada vez mais capaz de conhecer os elementos de sua realidade para intervir nela, transformando-a no sentido de uma ampliação da liberdade, da comunicação e colaboração.

Um dos objetivos da educação é formar sujeitos críticos por meio de leituras, produções textuais e reflexões sobre diversas questões que os incomodam além de

instigá-los a transformar sua realidade a partir de ações concretas. Como diz Freire (1970), quanto mais se estimula os educandos a arquivar conteúdos, menos desenvolverão a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos. Com base nisso, Freire (1996) conclui que a história faz o homem assim como o homem faz a história. Não podendo apenas observar.

Meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 1996 p. 40).

No livro *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1970) chama a atenção para o uso de veículos de comunicação nas aulas e para a importância da análise dos diferentes enfoques dados pela imprensa como forma de instigar e desenvolver o espírito crítico do aluno.

Outro recurso didático, dentro de uma visão problematizadora da educação e não 'bancária', seria a leitura e a discussão de artigos de revistas, de jornais, de livros começando-se por trechos. Como nas entrevistas gravadas, aqui também, antes de iniciar a leitura de artigo ou do capítulo do livro se falaria de seu autor. Em seguida, se realizaria o debate em torno do conteúdo da leitura. Na linha do emprego destes recursos, parece-nos indispensável a análise do conteúdo dos editoriais da imprensa, a propósito de um mesmo acontecimento. Por que razão os jornais se manifestam de forma diferente sobre um mesmo fato? Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ao ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, como objeto dos "comunicados" que lhes prescrevem, mas como uma consciência que precisa libertar-se. (FREIRE, 1970, p. 74)

O supracitado autor acredita que quando alunos analisam e debatem textos jornalísticos em sala de aula, isso proporciona que sejam adultos com consciência crítica ao se depararem com mídias que dão enfoques diferentes para um fato.

5.2 COMUNICAÇÃO

Antes da fala e da escrita o homem utilizava desenhos como forma de expressão. O homem desenvolveu a escrita a partir da representação de figuras do seu cotidiano. Daí em diante foram surgindo novas possibilidades de comunicação

como a prensa de Gutenberg, o telégrafo de Morse, o rádio de Marconi, a televisão e a internet com o governo norte americano.

O signo e a significação são a base da comunicação e leva à criação da linguagem. Bordenave (1997, p. 24) explica como surgiram esses conceitos: “Os homens encontraram a forma de associar determinado som ou gesto a um certo objeto ou ação”. A partir dessa associação, uma coisa que faz referência à outra conhecemos hoje como signo.

A comunicação é um dos passos para a evolução do homem que desenvolveu a pintura em paredes e posteriormente a escrita para se comunicar. Segundo Bordenave (1997, p.26), “para fixar seus signos o homem utilizou primeiro o desenho e mais tarde a linguagem escrita”. Esses desenhos representavam animais e pessoas, ou seja, o homem daquela época utilizava a pintura para retratar o seu dia a dia.

Hoje sabemos a história do início da humanidade por meio dos desenhos feitos por eles em paredes de cavernas. Em seguida a comunicação dá mais um passo. Para ter um maior alcance, o homem recorreu à junção de meios sonoros e visuais, iniciando a criação da linguagem escrita que “evolui a partir dos pictogramas, signos que guardam correspondência direta entre a imagem gráfica (desenho) e o objeto representado”, relata Bordenave (1997, p. 26). Com o passar do tempo, o homem começou a utilizar os signos não só para representar objetos, mas também para representar ideias. Depois de analisar que as palavras eram compostas de partes menores, ou seja, de fonemas, chegaram à conclusão que os signos representavam essas unidades.

A descoberta do fonema deu nascimento ao conceito de letras com as quais se formaram os alfabetos em que cada letra representa um som. Com o alfabeto faltava um meio para transportar as mensagens. Foi atribuída aos chineses a invenção do papel e também os tipos de imprensa móveis. Pode-se dizer que o desenvolvimento do ser humano é consequência da comunicação, pois a história do homem só é possível ser contada a partir do aprimoramento de técnicas de comunicação aperfeiçoadas por ele ao longo dos tempos.

5.2.1 Veículos de comunicação no Brasil

O jornalismo impresso no Brasil começa com um periódico que era editado e impresso na Europa. Segundo Lage (2012, p. 39), “Costuma-se apontar como primeiro periódico brasileiro o Correio Brasiliense que circulou a partir de 1º de junho de 1808, editado na Inglaterra por Hipólito José da Costa”. Lage acrescenta que três meses depois, foi lançada no Rio de Janeiro “a *Gazeta*, órgão oficial do Governo, dirigido por Frei Tibúrcio José da Rocha e censurado pelo Conde de Linhares”.

A partir de então, ainda no período do segundo império, ocorreu a fundação de alguns jornais que tiveram uma duração considerável. Dentre eles estão: “o *Jornal do Comércio* (1827) - este ainda no reinado de D. Pedro I; *A Gazeta de Notícias* (1874) do Rio de Janeiro; *O Estado de São Paulo* (1875); e o *Jornal do Brasil* surgido em (1891), já no início da República” (LAGE, 2012, p. 40).

Em seu início o jornalismo era feito por poetas, romancistas renomados que escreviam textos no estilo de contos e crônicas para os jornais. Com o tempo o jornalismo foi ganhando seu estilo próprio de texto. Como lembra Lage (2012, p. 40), “Logo o jornalista começaria a distanciar-se dos literatos para construir categoria própria; foi o tempo de Alcindo Guanabara, Irineu Marinho e Gustavo de Lacerda repórter que idealizou a Associação Brasileira de Imprensa”.

Depois da censura imposta a alguns veículos de comunicação por ocasião do período da ditadura houve maior liberdade na produção jornalística e os impressos passaram por reformulações.

“O próximo passo no processo de modernização foi dado com a reforma do *Jornal do Brasil* iniciada com o convite de Odilo Costa Filho para dirigir a redação. Já não era jornal pequeno como o *Diário* ou a *Tribuna*, os recursos também não se limitavam tanto. Recrutando pessoal dessa concorrência mais pobre, o *Jornal do Brasil* adotou e aperfeiçoou o processo de produção de notícias; somou a ele apresentação gráfica de extrema padronização, segundo o *design* do escultor construtivista Amílcar de Castro” (LAGE, 2012, p. 42).

Depois do surgimento do jornal impresso vem o rádio, que se desenvolveu com Roquete Pinto e Henry Moriz. Em 1923 as rádios da época, que tinham cunho educativo, se expandiram rapidamente por meio de grupos associados.

A televisão surgiu no Brasil em 1950 a partir da iniciativa de Francisco Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, que acreditava e investiu nessa mídia que era

novidade para o público brasileiro. Sua estratégia para popularizar a televisão foi espalhar aparelhos de TV em pontos de grande movimentação na cidade de São Paulo.

5.3 MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

No que concerne ao princípio da mediação têm-se o francês Célestin Freinet como um dos precursores da utilização do jornal em sala de aula, ao propor que a educação precisa de tal ferramenta para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Em 1924, Freinet introduz a imprensa na sala de aula, o que causaria uma mudança de comportamento de professores e educandos. Ele acreditava no valor da livre expressão do educando.

Lutz (2013) acredita que o jornal pode ser uma importante ferramenta no processo de ensino e aprendizagem, de quem está em processo de formação, como instrumento metodológico na construção do diálogo interdisciplinar, bem como ser porta voz da comunidade escolar.

[...] Os impressos feitos na escola ajudam a quebrar a rotina pedagógica e a propor um diálogo entre as disciplinas, estimulando o trabalho em grupo [...] Com relação à instituição, o jornal atua como um veículo destinado a comunicação interna, envolvendo docentes, discentes e servidores, relatando dificuldades, realizações e construindo a identidade escolar (LUTZ, 2013, p. 4).

Ijuim (2013) lista estratégias para produção de jornal escolar. Porém, diz que essas estratégias não são modelos que devem ser seguidas à risca, mas que servem como referência ou ponto de partida. Dentre as estratégias estão:

Entender o jornal como espaço de discutir temas que levem a uma reflexão de mundo. Explorar a flexibilidade e adaptabilidade a faixas etárias e promover também o sentido lúdico. Visualizar situações para que os alunos desenvolvam atitudes autônomas, posturas críticas, que podem contribuir para a conscientização da função social. Buscar a prática de um jornalismo humanizado, oferecer maiores oportunidades de observação, de reflexão e de expressão de mundo. Os educadores devem se comprometer com as transformações da sociedade e buscar “brechas no sistema” (IJUIM, 2013, p. 15).

Ijuim (2013) acredita que com o jornal escolar os educandos não só aprendem a escrever, fotografar, mas também ter uma relação de maior liberdade

em sala de aula e maiores possibilidades de interação do estudante com o mundo e com o objeto a ser conhecido. Para ele, metodologias diferenciadas contribuem com a conversão, geração e interação de cultura. Seu propósito é utilizar o jornalismo proporcionando à escola uma maior interação cultural.

Para Lutz (2013) o jornal escolar leva os alunos a diferenciar opinião e notícia, estimula a pesquisa e comparação entre as fontes, reforçando o senso crítico, além de servir como um espaço de expressão e descoberta. Já Ijuim (2013) afirma que a introdução do jornal escolar em sala de aula proporciona ao educando aprender uma nova forma de se escrever e entender o lugar do outro.

Ao apreender a linguagem jornalística e o seu funcionamento, a criança reorganiza seus conhecimentos e incorpora esse universo, assimilando assim novos objetos e reajustando-se a cada variação exterior, interagindo com o discurso do “outro” (IJUIM, 2013, p. 24).

Ijuim (2013, p. 71) acredita que o jornal escolar pode “abordar temas emergentes que suscitam a revisão de mundo” e levar a discussão de temas que geralmente não são abordados em sala de aula.

[...] crianças e jovens, sempre quiseram conhecer, discutir, entender os assuntos que estão além dos conteúdos ditos obrigatórios – querem compreender a vida, os sentidos da vida. E os educadores, ao abrirem os espaços do jornal escolar para isso, oportunizaram essa tão necessária reflexão – essa revisão de mundo (IJUIM, 2013, p. 71).

Freire (1996) vê a mídia como um instrumento poderoso e complexo de lidar, pois para ele não se pode falar de mídia sem lembrar a questão da consciência crítica e sem falar que ela pode usar de artifícios para amenizar ou agravar fatos.

Como enfrentar o extraordinário poder da mídia, da linguagem da televisão, de sua “sintaxe” que reduz a um mesmo plano o passado e o presente [...] Como educadores [...] não podemos desconhecer a televisão, mas devemos usá-la, sobretudo, discuti-la. Não temo parecer ingênuo ao insistir não ser possível pensar sequer em televisão sem ter em mente a questão da consciência crítica. [...]. Na verdade, toda comunicação é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação, ocultando verdades, mas também a própria ideologização no processo comunicativo (FREIRE, 1996 p. 71).

Martín-Barbero (2000) acredita que os governantes deveriam usar os meios de comunicação em prol da educação. Ele vê a comunicação como uma oportunidade para o desenvolvimento do País.

Para o Ministério das Comunicações a cultura parece não ter nada a ver com o desenvolvimento tecnológico dos meios, o que, no caso, importa é a divisão política e economicamente adequada das permissões de transmissão. O mesmo acontece em relação à educação. [...] o que o país está jogando aí, na ausência de políticas conjuntas de Cultura/Comunicação/Educação, é sua própria viabilidade como nação, [...] já que se articule e se organize com as dinâmicas da cultura e da educação. (MATÍN-BARBERO, 2000, p. 122).

Orozco-Gómez (2002) ressalta a importância da junção da comunicação, educação e novas tecnologias que resulta em um instrumento de produção, circulação e consumo de conhecimento.

A tríade comunicação, educação e novas tecnologias resume uma das problemáticas substantivas do novo milênio. Constitui um desafio central, não só para os comunicadores e os educadores preocupados com o avanço da tecnologia telemática e digital e suas múltiplas vinculações mútuas, mas também para a democracia e, claro, para a cultura, como processos maiores que contextualizam e condicionam a geração, circulação e consumo do conhecimento (OROZCO-GÓMEZ, 2002, p. 159-160).

Vivemos na era da democratização da informação e da comunicação e é interessante fazer uma fusão entre os campos educação, comunicação e tecnologia, para se ter melhores resultados na formação de alunos.

5.4 EDUCOMUNICAÇÃO

Na década de 1980, a Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), já discutia o tema Educomunicação no Brasil. Segundo Kunsch (1986) o debate interdisciplinar no INTERCOM daquele ano foi sobre educação e comunicação.

Em setembro de 1985, discutiu o inter-relacionamento entre a comunicação e a educação. Trata-se de um tema de grande atualidade nessa década de 80, pois toda atividade comunicativa é atividade educativa e vice-versa (KUNSCH, 1986, p. 5-6).

Pode-se dizer que Paulo Freire foi um dos precursores da Educomunicação no Brasil quando prega a educação comunicativa e chama a atenção para a análise da mídia. Gaia (2001, p. 33) destaca a importância dele para a Educomunicação. “Para Freire, sem diálogo não pode haver comunicação e conseqüentemente, não existe verdadeira educação”. Ela acredita que a pedagogia freiriana pode ser definida como uma pedagogia da comunicação.

Para Gaia (2001), um dos primeiros teóricos brasileiros a registrar preocupação com a leitura de jornal enquanto estímulo à cidadania² foi José Marques de Melo, no início da década de 80 com o artigo Presença do Jornal na Escola: Iniciação ao Exercício da Cidadania. O referido artigo instigou outros autores como Maria Alice Faria que escreveu sobre o jornal na sala de aula nos anos 1990. Gaia (2001) destaca ainda que “embora a questão da cidadania não seja prioridade nos estudos dessa autora, sua obra é referência importante ao tema”.

Piovesan (1986) lembra que o rádio chegou ao Brasil com propósitos nitidamente educativos e culturais, essa mídia surgiu integrando educação e comunicação, mas somente décadas depois é que se conceitua esse campo de estudo denominado Educomunicação.

Ainda sobre o início da Educomunicação no Brasil cita-se Soares (1999, p. 11), ao relatar que entre 1997 e 1999, o “NCE/USP, [...] identificou a vigência de uma prática mais abrangente [...] que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social”. Então o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP passou a utilizar o termo Educomunicação para “designar o conjunto destas ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface comunicação/educação”.

De acordo com Soares (2011, p. 11), o termo Educomunicação, no Brasil, “foi publicado pela primeira vez na revista Contato no ano de 1999 em Brasília”. A partir de então, os pesquisadores do NCE/USP detalham conceitos da área de conhecimento.

² Ser cidadão significa ter direitos e deveres, ser súdito e ser soberano. Tal situação está descrita na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas de 1948 [...]. Sua proposta mais funda de cidadania é de que todos os homens são iguais perante a lei, sem discriminação de raça, credo ou cor. E ainda: a todos cabe o domínio sobre seu corpo e sua vida, o acesso a um salário condizente para promover a própria vida, o direito à educação, à saúde, à habitação e ao lazer. E mais: É direito de todos poder expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. Enfim o direito de ter uma vida digna, de ser homem. (Manzini-Covre, 1991, p. 9)

Para Lopes (1996), a educação em seu início, buscava alertar para as armadilhas dos veículos, mas também via os meios como parte da cultura popular.

Constituiu como uma linha de trabalho com os receptores, mais de denúncia do que pedagógica herdeira direta dos estudos críticos de comunicação da década de 1970. Combinavam-se nesses estudos, de um lado a rejeição global da indústria cultural por reproduzir a denominação através de mensagens ideológicas, e por outro, uma concepção essencialista de cultura popular como conjunto de manifestação a ser preservado e protegido (LOPES, 1996 p. 43).

De acordo com Soares e Pignatari (2011) a Educomunicação inicialmente era utilizada para identificar a educação para a comunicação, formando cidadãos críticos que consigam compreender as notícias propagadas pela mídia, de modo especial pela web.

O termo Educomunicação era usado para identificar uma área chamada 'Educação para a Comunicação', isto é, a educação para a formação do chamado senso crítico frente à mídia, especialmente frente à televisão e, mais recentemente na história, frente a *world wide web*. (SOARES E PIGNATARI, 2011. p. 7).

Soares (2000) relata que a aproximação da educação e da comunicação ocorreu a partir da discussão teórico-prática de Célestin Freinet, Paulo Freire, Martín-Barbero e Mario Kaplún, levando grupos de pesquisadores especialistas a interligar os dois campos.

Mario Kaplún (1998) acredita que a comunicação é instrumento pedagógico importantíssimo e não uma mera ferramenta de apoio ao ensino. Para ele, a Comunicação Educativa existe para dar à educação métodos e procedimentos para aguçar as competências comunicativas do educando.

É fundamental ultrapassar esta visão redutora e postular que a Comunicação Educativa abarca certamente o campo da mídia, mas não apenas esta área: abarca também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem emprego de meios. Isso implica considerar a Comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico. Entendida desse modo, convergem uma leitura da Pedagogia a partir da Comunicação e uma leitura da Comunicação a partir da Pedagogia (KAPLÚN, 1998, p. 175).

Para Soares (2000), a comunicação deve ser a vértebra da educação e que se deve educar por intermédio da comunicação.

Não se trata de educar usando os instrumentos da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vertebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2000, p. 23).

Soares (2000, p. 21-22) destaca que a Educomunicação já “conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação”. Lembra ainda que o campo da Educomunicação “estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social”.

Construir um jornal no ambiente escolar é integrar educação e comunicação e isso é o que dá origem ao campo de estudo denominado de Educomunicação. Disso surge uma nova ferramenta de gerenciamento dos processos comunicativos dentro do espaço escolar. E essa interação da escola com a sociedade que a cerca é uma forma aberta que enriquece a comunicação, beneficiando o processo de ensino e aprendizagem.

O educador é o profissional que faz a ligação entre a educação e a comunicação, quem promove o bom relacionamento entre as pessoas e os meios de comunicação, além de auxiliar educadores e educandos no uso adequado de recursos comunicativos para que possam se expressar de forma cidadã. Neste sentido, Soares (2014) diz que o educador contribui para o melhoramento das relações, bem como avalia o processo de ensino-aprendizagem e colabora com a formação cidadã e ética.

Segundo Soares (2014), Educomunicação é um conjunto de ações que têm como objetivo integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos e melhorar o coeficiente expressivo das ações educativas. Para que exista a Educomunicação são necessários alguns objetivos, como relata o autor.

[...] prever e planejar 'conjuntos de ações', no contexto do plano pedagógico das escolas, e não ações isoladas; o planejamento deve ser participativo envolvendo todas as pessoas envolvidas como agentes ou beneficiárias das ações; as relações de comunicação devem ser sempre francas e abertas e o objetivo principal é o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, como indivíduos e como grupo (SOARES, 2014, p. 1).

Soares e Pignatari (2011) descrevem a Educomunicação como algo que deve ser desenvolvido em etapas, no qual o educando possa ver nesse conceito formas de se expressar e ser crítico.

[...] A Educomunicação precisa ser construída, exige clareza conceitual, planejamento, acompanhamento e avaliação. Não se dá de forma espontânea, descolada de uma concretude de análise e ação. Demanda uma pedagogia voltada para a dialogicidade educacional, de modo que os envolvidos não tenham condições apenas de ler criticamente o universo dos meios de comunicação, mas também de promover as próprias formas de expressão, construindo espaços de cidadania (SOARES E PIGNATARI, 2011, p. 7).

Diante disso, a Educomunicação torna-se uma nova ferramenta importante para que o educando possa construir sua própria visão crítico-reflexiva sobre as notícias e assim mudar a realidade que o cerca, transformando a escola em um local para reflexão, expressão e cidadania.

Soares (2000) acredita que a Educomunicação se divide em quatro subáreas, a saber, a educação para a comunicação, a mediação tecnológica na educação, a gestão da comunicação no espaço educativo e a reflexão epistemológica sobre a Educomunicação como fenômeno cultural emergente.

A área da educação para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os polos vivos do processo da comunicação, assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos ante os meios (SOARES, 2000 p. 25).

A educação para a comunicação nada mais é do que aguçar a criticidade das pessoas para que elas possam analisar o que as mídias transmitem. Já a área da mediação tecnológica na educação é o campo que utiliza a tecnologia como suporte de ensino, o que, para Soares (2000, p. 26), “compreende o uso das tecnologias da informação nos processos educativos”. A terceira subárea definida pelo autor trata do uso da comunicação como suporte ao planejamento escolar.

A área da gestão da comunicação no espaço educativo, voltado para o planejamento, execução e realização dos processos e procedimentos que se articulam no âmbito da comunicação/cultura/educação, criando ecossistemas comunicativos.

Ecossistema comunicativo é a organização do ambiente, a disponibilidade dos recursos, o *modus faciendi* dos sujeitos envolvidos e o conjunto das ações que caracterizam determinado tipo de ação comunicacional. A gestão

da comunicação nos espaços educativos produz-se tanto nos ambientes voltados para programas escolares formais, quanto naqueles dedicados ao desenvolvimento de ações não formais de educação, como nas emissoras de rádio e de televisão educativas (SOARES, 2000 p. 26).

Soares (2000) afirma que essa área abrange a administração escolar que pode implantar a comunicação no processo de ensino.

A quarta subárea diz respeito à produção acadêmica que busca consolidar e divulgar o campo de estudo da Educomunicação.

A área de reflexão epistemológica sobre a Educomunicação como fenômeno cultural emergente é na verdade a reflexão acadêmica, metodologicamente conduzida, que vem garantindo unicidade à prática da Educomunicação, permitindo que o campo seja reconhecido, evolua e se legitime (SOARES, 2000 p. 27).

Essa divisão feita por Soares (2000) é pertinente, pois define claramente as ramificações desse campo de estudo.

5.5 TEORIA DA COMUNICAÇÃO APLICADA

5.5.1 Espiral do silêncio

Entre as teorias da comunicação utiliza-se a Espiral do Silêncio para sustentar este trabalho, porque ela trata do poder da voz do cidadão e a Educomunicação busca abrir espaço para os alunos se expressarem. A teoria Espiral do Silêncio foi desenvolvida no bojo da Escola de Frankfurt fundada em 1923, por Theodor Adorno, Max Horkheimer dentre outros teóricos. Essa escola iniciou seu estudo com ênfase na economia capitalista e a atuação do movimento operário, posteriormente focaram seus estudos na cultura, ética e psicanálise. A partir daí que surgiu a teoria crítica que analisou o mal-estar das sociedades capitalistas industrializadas.

A Escola de Frankfurt caracteriza-se por refletir sobre a cultura como mercadoria. O capitalismo transformou a cultura em produto de compra e venda. A produção em série é criticada por Walter Benjamin em seu livro A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica, de 1936. Silva (2011) discorre sobre essa crítica.

Com o alto nível do avanço das técnicas de reprodução do início do século XX, a aura da obra é atingida, perdendo sua unicidade de presença no próprio local em que se encontra, ou seja, a sua autenticidade é o seu poder de transmitir desde a sua duração material até seu testemunho histórico (SILVA, 2011. p.22).

A teoria Espiral do Silêncio foi fundada pela alemã Elisabeth Noelle-Neumann. Ela trata pela primeira vez sobre sua teoria em 1972, em um congresso de psicologia no Japão, quando destaca a força da mídia em relação à opinião pública.

A teoria entrou em prática pela primeira vez para explicar os resultados de uma eleição que não tinha sido exatamente como as pesquisas e a mídia indicavam. Quem relata esse fato é Mcquail (2013).

A teoria foi formulada pela primeira vez e testada para explicar as conclusões intrigantes na política alemã, onde indicações de pesquisa de opinião eram incoerentes com outros dados sobre as expectativas acerca de quem iria vencer uma eleição e não conseguiu prever o resultado. A explicação apresentada foi a de que a mídia estava oferecendo uma visão enganosa do consenso de opinião. Ela estaria se inclinando à esquerda contra opinião subjacente da maioria (silenciosa) (MCQUAIL 2013, p. 489).

Neste contexto, a Espiral do Silêncio está ligada diretamente ao medo que os indivíduos têm de se encontrar isolados quanto aos seus comportamentos e opiniões. Para não serem isolados socialmente, as pessoas tendem a não expressar uma opinião se esta for diferente daquela dita pela maioria das pessoas. Com base nisso, pode-se associar com a situação vivenciada pelos estudantes que não têm espaço para socializar sua opinião por que é tida como sem importância, ocasionando assim, o silenciamento dos mesmos, pois sua opinião é suprimida enquanto outras são favorecidas.

Quanto mais uma opinião tida como dominante possuir representatividade, menos a opinião minoritária tende a ser transmitida. Isso ocorre porque a expressão dominante oprime qualquer outra.

Uma dessas condições para que a Espiral do Silêncio ocorra é a consonância temática, [...] o discurso homogêneo sobre os mesmos assuntos por diferentes atores comunicacionais, que mantem o padrão da matéria dominante (SILVA, 2011, p.24).

Para Mcquail (2013), Espiral do Silêncio deriva de um corpo teórico sobre opinião pública, que foi desenvolvido e testado por Noelle-Neumann ao longo de vários anos.

A teoria relevante diz respeito à interação entre elementos como mídia de massa, comunicação interpessoal e relações sociais, expressões individuais de opinião e as percepções que os indivíduos têm sobre o 'clima de opinião' em torno deles em seu próprio ambiente social. (MCQUAIL 2013, p. 489).

Cardia (2015) entende a Espiral do Silêncio como o silenciamento de um grupo ou de apenas uma pessoa ao imaginar que a maioria dos indivíduos tem opinião diferente da sua. "A maioria tende a reprimir sua opinião, com receio de ser mal vista, julgada ou ironizada pela maioria" (CARDIA, 2015, p. 21). Esse fato leva ao fortalecimento de correntes de opiniões, pois os indivíduos têm necessidade de pertencimento a grupos de pessoas por se sentirem mais seguras dessa forma.

O efeito do silenciamento de grupos de pessoas é negativo, pois é importante que se tenha variações de opiniões, para que não nos tornemos uma sociedade vulnerável à influência de terceiros, como a mídia, por exemplo. Nesse caso, o jornal escolar acaba realizando um papel importante para que os alunos expressem suas ideias mesmo sendo contrárias às opiniões da maioria.

Segundo Mcquail (2013), as premissas da teoria de Noelle-Neumann, são: ameaçar indivíduos desviantes com isolamento, medo contínuo do isolamento por parte dos indivíduos que tem opinião diferente; avaliação, a todo o momento, de clima de opinião para não ficar em isolamento. Essa avaliação constante afeta o comportamento em público, principalmente sua disposição ou não de expressar opiniões abertamente.

O efeito da Espiral do Silêncio é quando o sujeito oculta sua opinião, quando percebe que está em menor número, porém, quando sua opinião é igual a da maioria das pessoas não tem problema em expressá-la publicamente. O efeito disso é que certos pontos de vista ganham cada vez mais terreno em detrimento de outros que perdem espaço.

O que Noelle-Neumann avaliou foi que os meios de comunicação detêm esse poder, pois o ponto de vista que é veiculado na mídia é aquele que tem predominância no público. Como afirma Mcquail (2013).

Os meios de comunicação são a fonte mais facilmente acessível para avaliar o clima predominante, e, se uma certa visão prevalece na mídia, ela tenderá a ser ampliada em fases subsequentes de formação e expressão de opinião pessoal (MCQUAIL, 2013, p. 489).

A mídia tem o poder, por meio de cobertura intensiva, de estabelecer um padrão de apreciação ou de opinião sobre os acontecimentos, condicionando a população a adotar aquele entendimento. De acordo com Cardia (2015, p. 22) “muitas pessoas buscam formar sua opinião a partir do que a mídia lhes oferece, ou buscam reforçar suas convicções com os argumentos ofertados pelos meios”. Essas pessoas são os alvos mais receptivos aos efeitos da teoria da Espiral do Silêncio.

Gomes (2004) elenca três características dos media que devem ser consideradas e que favorecem a compreensão da Espiral do Silêncio.

a) onipresença dos media nas sociedades complexas; b) a acumulação, característica que os media têm que reforçar se uns aos outros, quantitativa e qualitativamente, e com isso conseguir criar e manter a relevância de um tema; e c) conformidade: os traços comuns e as semelhanças existentes nos processos produtivos da informação tendem a ser mais significativos do que as diferenças o que conduz a mensagem substancialmente mais semelhantes do que dessemelhantes (GOMES, 2004, p. 88).

Dentro da Espiral do Silêncio, Mcquail (2013) conceitua os efeitos de terceiros, gerados pela mídia sobre a opinião pública. “O argumento central é de que muitas pessoas parecem pensar (ou dizer aos pesquisadores) que os outros são afetados por vários tipos de conteúdo de mídia, mas não elas próprias”.

O efeito de terceiro coloca em questão o poder da mídia sobre o público. Para Mcquail (2013, p. 489) “a superestimação dos efeitos da mídia também está associada à tendência igualmente generalizada de acreditar que a imprensa é tendenciosa contra o ponto de vista das pessoas engajadas em determinado tema”.

A teoria também afeta aquelas pessoas que, mesmo sem contato direto com a informação veiculada, aderem ao grupo por necessidade de pertencimento. Aqueles sem opinião adotarão o mesmo posicionamento do grupo majoritário como forma de se associarem a um grande grupo ou à maioria.

Essa teoria explica as pessoas que não tiveram acesso aos fatos, não receberam informações em primeira mão através de um ou vários veículos de comunicação, mas estão convictas de que fulano é corrupto, beltrano roubou ou sicrano foi o autor do assassinato. De um momento para outro, pessoas sem o menor conhecimento dos fatos ou da matéria, passam a ser

especialistas em aeronáutica, discutindo a razão da queda do avião e culpabilizando a companhia aérea ou os pilotos (CARDIA, 2015, p. 22-23).

Até o fim da década de 1960 tinha-se a ideia de que os meios de comunicação não tinham influência sobre o público, até que surge Noelle-Neumann com sua teoria da Espiral do Silêncio que defende que a televisão é a principal responsável pela expansão desse poder. Kunezik (2002) destaca que a opinião pública resulta da luta subconsciente das pessoas que convivem em grupo para se chegar a juízos e consensos comuns, pois para o autor, “a sociedade recompensa o conformismo e pune as transgressões aos juízos estabelecidos”.

As pessoas avaliam o clima de opinião de quem está ao redor antes de expressar a sua, por isso Kunezik (2002, p. 332) acredita que “a comunidade de opinião que se impõe parece ser mais forte do que na realidade e reduz a outra comunidade de opinião a um núcleo duro de pessoas que nela persistem”.

Para evitar ficar sozinho ao sustentar pontos de vista, atitudes ou crenças, o indivíduo observa o próprio meio para constatar quais opiniões prevalecem e quais estão em declínio.

Quanto mais os indivíduos percebem essa tendência e adaptam suas opiniões em função dessa percepção. Assim, a tendência é de um grupo de manifestar suas opiniões e do outro de se calar desencadeia um processo em espiral que estabelece, de maneira crescente, uma opinião como dominante (BARROS FILHO, 2008, p. 181).

Kunezik (2002, p. 332) diz que o indivíduo estabelece sua avaliação de opinião pública a partir de dois critérios: “1) a observação das pessoas que o rodeiam e seus sinais de aprovação e desaprovação; 2) os meios de comunicação de massa, onde se observam sinais que se confirmam entre si”.

Gomes (2004) enfatiza também que os meios de comunicação, no âmbito da Espiral do Silêncio, realizam importante papel na socialização política dos indivíduos, visto que os media são a fonte de informação deles.

[...] eles são particularmente incapazes, dada quantidade de fatos e questões em jogo numa sociedade cada vez mais complexa e fragmentada, de conhecer a realidade política por outra via que não a dos *media* (GOMES, 2004, p. 87).

Kunezik (2002, p. 332) destaca uma possibilidade concedida pela Espiral do Silêncio em que a “mudança poderá começar se aqueles que compartilham opinião majoritária perderem eventualmente a capacidade de questionar porque já não encontram pessoas cujas opiniões se chocam com as suas”. O autor diz também que “a inovação se inicia com maior frequência porque as minorias estão mais preparadas para defender suas causas do que as majorias, que são muito complacentes ao fazê-lo”.

Barros Filho (2008, p.182) ressalta uma das condições para a ocorrência da Espiral do Silêncio, que seria “a consonância temática, ou seja, a abordagem relativamente homogênea dos mesmos fatos pelos distintos meios de comunicação”. Observa-se na mídia uma consonância tendenciosa, ou seja, canais de comunicação divergentes destacando o mesmo ponto de vista. Barro Filho (2008) vê a necessidade de haver uma discordância entre os meios de comunicação.

As diferenças de matiz permitem, de um lado, assegurar a aparência de liberdade informativa e, de outro, atender a uma exigência de marketing por fornecerem aos diferentes produtos condições de se distribuírem entre si. Mais uma vez, se a informação mediatizada não tivesse aparência de objetividade, se sua dimensão ficcional ou arbitrária fosse explícita, os efeitos próprios à sua publicação e divulgação seriam destinos (BARROS FILHO, 2008, p.183).

Gomes (2004) observa a teoria Espiral do Silêncio como explicação aos efeitos que os *mass media* têm sobre a opinião pública e sobre o modo de percepção pública de tal opinião. A autora considera Noelle-Neumann como a responsável pelo retorno da ideia de *media power* e vê os receptores como indefesos. Então, os pressupostos da teoria da Espiral do Silêncio seriam:

- 1 a sociedade ameaça os indivíduos com o isolamento.
- 2 indivíduos experimentam contínuo medo do isolamento.
- 3 este medo do isolamento faz com que os indivíduos tentem avaliar continuamente o clima de opinião.
- 4 os resultados desta avaliação influenciam no comportamento em público, especialmente na expressão pública ou na ocultação das opiniões.
- 5 os pressupostos anteriores estão relacionados entre si, o que proporcionam uma explicação da formação, manutenção e modificação da opinião pública (GOMES, 2004, p. 86).

Com base nesses pressupostos, Noelle-Neumann (1995) apud Gomes (2004) chega a uma definição operacional da opinião pública.

[...] as opiniões públicas são atitudes ou comportamentos que se devem expressar em público para não se isolar. Em âmbito de controvérsia ou de mudança, as opiniões públicas são as atitudes que se podem expressar sem correr o risco de isolamento. Essa definição pode verificar-se com os métodos de investigação mediante sondagem e com as observações representativamente distribuídas. (NOELLE-NEUMANN apud GOMES, 1995, p. 234).

Gomes (2004) conclui que essas características favorecem os meios de comunicação e determinam o cumprimento de suas funções, entre as quais estaria a função de articulação. Para a autora, os meios fornecem às pessoas as palavras e as frases que podem utilizar para defender determinado ponto de vista e se as pessoas não encontram expressões habituais, repetidas incansavelmente, em favor de uma opinião, caem no silêncio, se tornam mudas.

Aplicando a teoria de Noelle-Neuman aos educandos da Escola Estadual Mário David Andreazza percebe-se que os mesmos estão dentro da Espiral do Silêncio, pois não têm voz nem espaço para expressar suas opiniões porque se sentem reprimidos. Além disso, os meios de comunicação divulgam apenas as coisas negativas do bairro onde moram, o que, conseqüentemente, forma a opinião pública de que aquele é essencialmente um bairro perigoso, onde não há nada de positivo e inclusive as pessoas que ali residem são de má índole.

Dentro da escola, as crianças são condicionadas a expressarem apenas opiniões aceitas pela maioria e descartar aquilo que as incomoda individualmente. Neste sentido, aplicando a teoria da Espiral do Silêncio, tem-se como exemplo a falta de merenda. Por mais que seja um direito do estudante, a maioria dos alunos entende essa situação como um fato positivo, por trazer como consequência a redução dos horários das aulas. Por outro lado, os alunos que se incomodam, se calam, por serem minoria.

O bairro Perpétuo Socorro normalmente é tema das pautas jornalísticas por conta de assuntos de teor policial ou por problemas quanto à falta de infraestrutura e moradia. Isso faz com que o lugar seja mal visto pela opinião da maioria, inclusive pelos próprios habitantes daquela comunidade. Nesse caso, a opinião da maioria ganha cada vez mais espaço, a ponto de fazer com que os moradores tenham vergonha de dizer que ali residem.

6 ETAPAS DE PRODUÇÃO DO JORNAL

Aqui serão tratados os itens utilizados na produção do jornal escolar. Para embasar a construção do material tomou-se como referência autores que conceituam e definem elementos do jornal impresso. Para introduzir os alunos no campo do jornalismo, o primeiro conceito apresentado a eles foi o de comunicação e posteriormente, elementos que estão presentes neste meio.

6.1 COMUNICAÇÃO

Inicia-se a construção do jornal refletindo sobre a comunicação. De acordo com Bordenave (1997, p.16) “a comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida da sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só”. Assim, é da natureza humana a vida em sociedade, e para conviver com outros é necessário que exista a comunicação. Uma depende da outra.

6.2 O TEXTO

A respeito do texto jornalístico, Faria (1989, p. 100) discorre que eles “se apoiam nos três tipos clássicos de redação: narração, descrição e dissertação [...] estão implícitas nos textos jornalísticos a ser elaborados pelos alunos”. Muitas vezes podemos encontrar os três tipos no mesmo texto. Faria (1989) acrescenta que um texto jornalístico “deve ser coloquial, não se deve usar adjetivos para definir coisas ou situações, esses termos podem ser substituídos por informações precisas para que o leitor possa fazer a sua própria avaliação”.

Para Ferrari e Sodré (1986, p. 15), as principais características de uma reportagem são: “Predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista, objetividade dos fatos narrados. Conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem”. Eles acreditam que em algumas reportagens, essas características poderão aparecer com maior destaque e concluem que um texto só será reportagem se houver narrativa.

Sobre as notas jornalísticas, Faria (1989) define como textos mais curtos que as matérias, com letras menores e podem estar separadas por um fio vertical. Ela explica que as notas buscam explicar fatos de forma mais direta e rápida.

Ferrari e Sodré (1986, p.17) conceituam que “à notícia, cabe a função essencial de assinalar os acontecimentos, ou seja, tornar público um fato (que implica em algum gênero de ação), através de uma informação”. Eles ainda classificam a reportagem em três tipos: reportagem de fatos (*fact-story*), reportagem de ação (*action-story*) e reportagem documental (*quote-story*).

Faria (1989, p. 28) discorre sobre o lide jornalístico. “O dicionário de comunicação define o lide como abertura de notícia, reportagem, etc., onde se apresenta sucintamente o assunto”. O lide é a apresentação dos elementos fundamentais do relato que serão aprofundados no corpo do texto jornalístico. Conforme a autora, “O lide torna possível ao leitor [...] tomar conhecimento do fundamental de uma notícia em rapidíssima e condensada leitura do primeiro parágrafo”. O lide tem o papel de fisgar o interesse do leitor e levá-lo a ler tudo até o final.

6.3 CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE

Para um fato se tornar publicável em um jornal precisa ter relevância, gerar interesse público, abranger parte da população. Galtung e Ruge (1999) fizeram uma lista classificando 12 critérios de noticiabilidade. Dentre eles destacam-se: frequência ou duração, amplitude, clareza, significância, consonância, inesperado e composição.

Erbolato (2002, p. 60) questiona como os assuntos que serão publicados nos jornais são escolhidos. “Se os jornais se dedicam primordialmente à divulgação de notícias e se elas são *indefiníveis*, é o caso de se indagar: Como obtê-las e selecioná-las para, que uma vez publicadas, possam atrair leitores?”. O autor apresenta também alguns critérios utilizados pelos jornais na hora de decidir o que publicar.

As notícias, de modo geral, poderiam ser publicadas quando respeitados os seguintes critérios, segundo os quais, embora não aceitos pela unanimidade, chegam a motivar o público por se relacionarem ou se referirem a: proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência (ou celebridade), aventura e conflito, consequência, humor, raridade, progresso, sexo, idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial do jornal, oportunidade, dinheiro, expectativa, suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas e inovações, repercussão, confidências. (ERBOLATO, 2002, p. 60).

Lage (2012) acredita que para a construção de um texto jornalístico é preciso selecionar e ordenar dados e ainda considerar o grau de importância e interesse, pois a produção industrial de notícias exige que se avaliem criteriosamente os fatos. O autor relaciona itens que podem contribuir para a escolha das notícias veiculadas no jornal. “No campo das avaliações empíricas, alguns itens são consideráveis: a proximidade, a atualidade, a identificação, a intensidade o ineditismo, a oportunidade” (LAGE, 2012, p. 87).

6.4 FOTOGRAFIA

Kubrusly (2006, p. 7- 8) acredita que “Fotografar passa a ser o ato de parar o fluir de uma imagem já existente, não um processo de obtenção e reprodução dessa imagem”. O autor questiona o que seria fotografia: “A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? Um processo capaz de gravar e reproduzir com perfeição imagens de tudo que nos cerca?”. A fotografia, com o tempo, pode se tornar um documento histórico, comprovar acontecimentos, pode emocionar, pode lembrar momentos de nossas vidas, entre outras coisas.

Os primeiros a verem uma fotografia ficaram incrédulos, relata Kubrusly (2006, p. 30), pois era uma coisa nova e tão próxima da realidade que os assustava. “A perfeição da imagem fotográfica, a exatidão com que representava a realidade, era o fato surpreendente que fascinava aqueles que viam as novas imagens”. Acostumados à outra forma de retratar a realidade (pintura), a perfeição da fotografia os surpreendeu.

De acordo com a história da fotografia, os primeiros materiais sensíveis à luz obrigavam a uma longa exposição na câmera escura, e isso possibilitava fotografar apenas objetos inanimados. Ou seja, as primeiras câmeras só captavam imagens estáticas e, por isso, sabe-se que a primeira fotografia foi feita no verão de 1827, e mostrava o quintal da casa de Niépore Niépce, um dos precursores da fotografia. Devido a uma exposição de oito horas a foto ficou como se estivesse iluminada por dois sóis, um à direita e o outro à esquerda. O sol iluminou um lado da cena pela manhã e o outro à tarde.

Por causa dessa necessidade de longa exposição para captar uma imagem, fotografar pessoas era uma tarefa bem difícil. Kubrusly (2006, p. 37-38) afirma que, “A primeira pessoa a aparecer em uma fotografia estava absolutamente inconsciente de sua condição de ‘modelo’ e mesmo para o fotógrafo sua imagem deve ter sido uma surpresa”.

Os recursos das primeiras câmeras eram limitados e não captavam movimentos. Louis Jacques Mandé Daguerre foi o autor da primeira fotografia de uma pessoa: “Um homem para em uma esquina e decide engraxar os sapatos, sem saber que será a primeira vítima da objetiva. O pé apoiado na caixa do engraxate o mantém imóvel durante um tempo suficiente para que sua imagem seja registrada” (KUBRUSLY, 2006, p. 37-38). Ninguém sabe seu nome nem ao certo a data da fotografia.

Com o tempo, vários estudiosos foram pesquisando e melhorando as técnicas de fotografar, até chegar na fotografia digital de hoje. A tecnologia avançou tanto, que a máquina fotográfica, antes composta por várias partes, hoje cabe no bolso. Há quem acredite que qualquer um pode ser fotógrafo. Basta apertar um botão. Essa praticidade provocou uma nova mania, a de fotografar todos os momentos da vida, desde a hora que acordar até a hora que vai dormir, seja uma festa ou até mesmo o que se está comendo.

O uso da imagem no jornal impresso veio para quebrar a monotonia do texto. Os primeiros jornais eram compostos por folhas inteiras de textos, isso cansava o leitor. A fotografia foi inserida para suavizar a sequência de textos extensos e acaba contribuindo com a diagramação do jornal. Os veículos passaram a ser mais atrativos para os leitores. Mas é preciso observar um detalhe importante, a imagem é um complemento ao texto e ela tem que condizer com o título e os demais elementos.

Gerbase (2013) define alguns ângulos e planos fotográficos.

Planos e ângulos fotográficos

Quadro: 1 Planos e ângulos fotográficos definidos por Gerbase (2013)

PLANO	DEFINIÇÃO
Aberto	A câmera está distante do objeto, de modo que ele ocupa uma parte pequena do cenário. É um plano de ambientação.
Médio	A câmera está a uma distância média do objeto, de modo que ele

	ocupa uma parte considerável do ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta. É um plano de posicionamento.
Fechado	A câmera está bem próxima do objeto, de modo que ele ocupa quase todo o cenário, sem deixar grandes espaços à sua volta. É um plano de intimidade e expressão.
Geral	Um ângulo visual bem aberto, a câmera revela o cenário à sua frente. A figura humana ocupa espaço muito reduzido na tela. É um plano para exteriores ou interiores de grandes proporções.
Conjunto	Com um ângulo visual aberto, a câmera revela uma parte significativa do cenário à sua frente. A figura humana ocupa um espaço relativamente maior na tela. É possível reconhecer os rostos das pessoas mais próximas à câmera. Também é chamado de geralzinho.
Médio	A figura humana é enquadrada por inteiro, com um pouco de ar sobre a cabeça e um pouco de chão sob os pés.
Americano	A figura humana é enquadrada do joelho para cima.
Meio 1º plano	A figura humana é enquadrada da cintura para cima.
1º Plano	A figura humana é enquadrada do peito para cima. Também chamado de close-up ou close.
Primeiríssimo Plano	A figura humana é enquadrada dos ombros para cima. Também chamado de big close-up ou big-close.
Plano Detalhe	A câmera enquadra uma parte do rosto ou do corpo (um olho, uma mão). Também usado para objetos pequenos, como uma caneta sobre a mesa, um copo, uma caixa de fósforos.
Ângulo Normal	Quando ela está no nível dos olhos da pessoa que está sendo filmada.
Plongée	Quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. Também chamada de câmera alta.
Contra-Plongée	Quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima. Também chamada de câmera baixa.
Frontal	A câmera está em linha reta com o nariz da pessoa filmada.
$\frac{3}{4}$	A câmera forma um ângulo de aproximadamente 45 graus com o nariz da pessoa filmada. Essa posição pode ser realizada com muitas variantes.
Perfil	A câmera forma um ângulo de aproximadamente 90 graus com o nariz da pessoa filmada. O perfil pode ser feito à esquerda ou à direita.
De Nuca	A câmera está em linha reta com a nuca da pessoa filmada.

Fonte: Gerbase, 2013.

6.4.1 Fotojornalismo

A Enciclopédia INTERCOM de Comunicação (2010, p. 577) classifica fotojornalismo como “a linguagem jornalística composta, a partir da fotografia, que sintetiza em si, as informações necessárias à leitura e compreensão visual do que expressa o texto escrito”.

Segundo Faria (1989, p. 106), no fotojornalismo, “a foto deve captar o fato em seu momento decisivo; sua primeira qualidade é o valor informativo e a segunda a sua nitidez; os aspectos plásticos são importantes, mas não essenciais”. A autora conclui que se o trabalho conciliar informação e estética, será uma grande fotografia jornalística. Comunicar por meio de imagem não é uma tarefa fácil, tem que clicar o objeto no momento exato, isso é chamado também de comunicação visual.

6.5 A ARTE DA DIAGRAMAÇÃO

6.5.1 Diagramação

Segundo Collaro (2007, p.2) composição gráfica é “a reunião de imagens, letras e ornamentos de modo a compor o universo do grafismo de um impresso”. Ele afirma que a composição tem como elemento fundamental as letras e suas formas.

Faria (1989) lembra que alguns aspectos da diagramação podem facilitar a leitura, como, separar colunas por espaços, vinhetas ou outro elemento gráfico, pois para ela “se a linha é muito comprida, tem-se dificuldade de retomar a leitura na linha seguinte, se as colunas forem muito juntas ou separadas, podem perder tempo misturando as linhas das colunas contíguas” (FARIA, 1989, p. 22).

Além da leitura textual, há também a leitura gráfica. Por isso, a diagramação tem função de orientar a leitura de forma rápida e agradável. Para diagramar é necessário ter uma noção de como se deseja que fiquem os elementos depois de montados e impressos.

Collaro (2007) traz também conceitos sobre diagramação e conclui então ser de 39 a 52 o número ideal de toques em uma coluna para não cansar demais o leitor.

Quanto menor a largura da coluna, menor deve ser o corpo da letra. Quanto mais o leitor piscar os olhos ao ler uma linha, maior o cansaço que esse texto lhe provoca [...]. Assim não se pode dizer que exista uma largura de

texto ideal, o que existe é uma coluna com certo número de toques que está dentro de um grau de legibilidade que depende do corpo de letra que estamos usando (COLLARO, 2007, p.33).

A diversificação das larguras das colunas é um recurso que quebra a monotonia, pois em uma leitura sem dinâmica, com o tempo, o leitor se desconecta do texto.

Dentro da estética gráfica, o objetivo do produto impresso geralmente é a informação limpa e direta. Sendo assim, este fundamento pode auxiliar no processo, pois a maneira como se apresenta o texto e também a forma das letras tem uma influência muito grande sobre o resultado final, além de levar o leitor a um melhor entendimento do texto.

6.5.2 Cor

A cor na produção visual gráfica é um fator muito importante e Collaro (2007, p. 16) fez algumas conclusões, como por exemplo, as preferências de cores de acordo com a idade. Para ele, “Pessoas de idade mais avançada, tendem a preferir tons frios, de base azul. Os jovens tendem às cores mais quentes, já as crianças são influenciadas por cores vivas”.

As cores também remetem à temperatura e Collaro, (2007, p. 29) diz que, “temperatura é a impressão mais fácil de detectar em uma cor. Os tons de base vermelhos transmitem sensação de calor, já os de base azul, normalmente sugerem à sensação de frio”. Certas combinações de cores podem prejudicar a visibilidade, principalmente se elas forem contrastantes e utilizadas na mesma proporção.

6.5.3 Logotipo

O logotipo é a identidade de um produto ou serviço e ele é definido geralmente utilizando-se tipologias marcantes somadas a cores específicas, que remetem ao objetivo do produto. Uma das finalidades de um logotipo é de se fixar na mente do público, para que ao ser visualizado, seja possível fazer a associação ao produto.

6.5.4 Imagens

As imagens da capa de um impresso têm o objetivo de captar a atenção do público-alvo. Por isso, é necessário estar atento na hora da escolha, tanto para a resolução da imagem como para a mensagem que ela passa.

6.5.5 Formato dos jornais

A respeito do formato e do tipo dos jornais impressos, Collaro (2007. p. 52) enfatiza que, “Têm-se o hábito de classificar os periódicos com formato de 210 mm de largura por 280 mm de altura ou aproximado como *newsletter* ou *house organ*”. Já os jornais chamados de tabloides são aqueles que possuem medidas que giram em torno do formato A3 (297 mm x 420 mm). Esse formato é tido como flexível na hora de diagramar, pois proporciona espaços maiores para disposição de matérias, imagens e publicidade, além de ser econômico.

6.5.6 Tipografia

É essencial padronizar título, subtítulo e legendas, pois isso cria a identidade visual do produto. Esses elementos têm papel fundamental na legibilidade e na identidade visual do produto final. Independentemente do estilo, formato e cores escolhidas, é necessário manter o padrão que seja legível, atraente e que dê identidade ao veículo.

6.6 JORNAL HORA DO RECREIO

A Escola Estadual Mário David Andreazza foi escolhida para a aplicação do jornal escolar por estar localizada em um bairro periférico e com grande vulnerabilidade social³. A escola atende um público com faixa etária de 11 a 14 anos, no entanto, existem muitos estudantes que estão atrasados em relação à faixa etária das turmas. A escola Mário Andreazza atende o público do bairro desde 1994.

³ Condição do indivíduo que está à margem da sociedade, pessoa que está em processo de exclusão social, principalmente por fatores socioeconômicos.

Primeiramente ofertava apenas as séries iniciais (1ª a 4ª série), hoje disponibiliza vagas em turmas do 6º ao 9º ano, nos turnos manhã e tarde.

6.6.1 Nome do jornal

Com as sugestões dadas pelos alunos e, após votação, foi selecionado Hora do Recreio como nome do jornal. A justificativa para isto é de que a hora do intervalo – recreio – é o momento em que os alunos se alimentam, conversam, brincam nos corredores e interagem com os funcionários. Portanto, o nome sugere que o jornal é como o intervalo, um espaço para falar e se informar sobre o que acontece na escola, se divertir e socializar.

6.6.2 Logo do jornal

O logo foi uma escolha simples, um relógio marcando 10 horas, horário do recreio dos estudantes do turno da manhã. Antes de chegar a essa definição, eles debateram entre si para escolher uma marca que representasse a identidade do jornal.

6.6.3 Diagramação do jornal

Os alunos decidiram deixar o jornal com a aparência da rede social Facebook, para parecer diferente dos jornais tradicionais e ter identidade jovem e mais próxima de uma mídia que eles têm contato. A diagramação foi realizada no aplicativo Publisher, por ser uma ferramenta mais fácil de executar do que outros programas de diagramação profissionais.

6.6.4 Cores do jornal

Uma vez que optaram pelo layout do Facebook, as cores utilizadas foram o azul e o branco, em alusão às que identificam a referida rede social. Essas cores têm certo contraste, gerando destaque do azul utilizado em títulos.

6.6.5 Tipologia do jornal

Utilizou-se a fonte *facebook letter faces* (originária da rede social) em todo o jornal para manter a identidade visual da rede social. Ela proporciona clareza na leitura, tornando-a dinâmica, além de gerar conforto visual.

6.6.6 Pautas do jornal

As pautas foram desenvolvidas a partir do que acontecia na escola e do que interessava aos estudantes. Na reunião de pauta, os alunos estavam animados, pois iriam escolher os temas a serem discutidos. No entanto, lembraram que os assuntos a serem escolhidos deveriam ter relevância e despertar o interesse da comunidade escolar. Então decidiram falar de assuntos relacionados à escola e ao bairro.

6.6.7 Fontes de informação

As fontes utilizadas para a produção do material jornalístico foram a administração escolar, professores, alunos e comunidade do bairro. Eles entenderam que a melhor forma de produzir os textos era perguntando para os indivíduos que são afetados diretamente pelas pautas.

6.6.8 Formato do jornal

O jornal foi impresso em tamanho A4, pois segundo os alunos, é mais fácil de manusear.

6.6.9 Tiragem do jornal

A tiragem do jornal foi de 100 exemplares, levando-se em conta os recursos financeiros limitados, pois a impressão foi custeada pela acadêmica responsável pelo projeto.

6.6.10 Imagens do jornal

As imagens foram feitas com uma câmera fotográfica simples e com câmeras de celulares. As mesmas foram editadas no aplicativo *Microsoft Office 2010*.

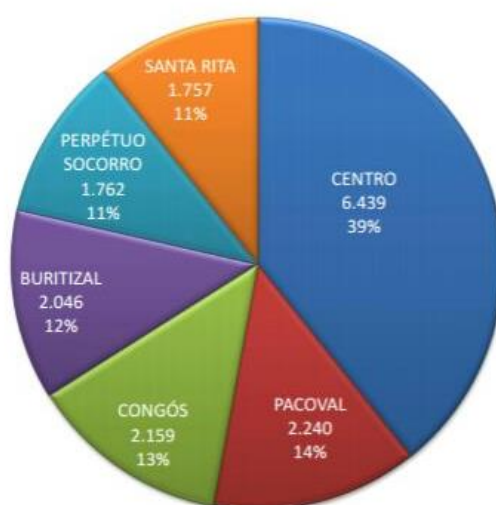
7 METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido em etapas distintas: seleção, escolha e apresentação do projeto para a escola; pesquisa de campo na escola; intervenção com a aplicação de oficinas; construção do produto e, por fim, elaboração do memorial.

7.1 1ª ETAPA: SELEÇÃO DA ESCOLA CAMPO

A primeira etapa foi a escolha de uma escola pública localizada em bairro periférico. Para este trabalho foi selecionada a Escola Estadual Mario David Andreazza, no bairro Perpétuo Socorro, levando-se em conta os dados oficiais do Tribunal de Justiça do Estado do Amapá (2015). Segundo pesquisa elaborada pelo órgão, a localidade é a sexta colocada no tocante aos índices de criminalidade na Comarca de Macapá entre os anos de 2012 a 2015, como mostra o gráfico 1.

GRÁFICO 1: Bairros com maior índice de criminalidade da Comarca de Macapá.



De 2012 a 2015

Fonte: Tribunal de Justiça do Estado do Amapá, 2015, p. 21.

Apresentação do projeto para a escola

O projeto foi apresentado para a Escola Estadual Mário David Andreazza. Para isso, a coordenação pedagógica da escola concedeu o horário da turma do 7º ano 'A', que no momento estava sem professor para a disciplina de inglês. Quando foi exposto aos alunos o desejo de elaborar um jornal impresso, parte deles não aprovou a ideia, fizeram o seguinte questionamento: jornal impresso ainda existe? E, por isso, sugeriram outras mídias, como a TV. Apesar disso, aceitaram fazer o jornal impresso por ser um veículo de comunicação economicamente viável para se construir na escola.

7.2 2ª ETAPA: ESTUDO DE CASO

O autor Antônio Joaquim Severino foi utilizado como embasamento teórico para a metodologia da pesquisa. Ele trabalha com a ideia que se concentra no estudo de um caso particular, sendo este representativo, por meio da coleta e avaliação dos elementos. Severino (2007) afirma que tais dados devem ser registrados para análise rigorosa, o que qualifica o memorial.

Foram realizadas quatro oficinas para elaboração do produto final, o jornal escolar. Essas atividades tiveram como objetivo apresentar o projeto e conceitos de comunicação, produção de textos, fotografia e diagramação. Ocorreram no período de 23 de agosto a 30 de setembro de 2016, uma vez por semana, com duração de 30 minutos cada. Além disso, por uma semana foi necessário utilizar o contraturno, com encontros na biblioteca, para finalização de matérias e diagramação do jornal. Apesar de a turma ter mais de 30 alunos, apenas 16 alunos continuaram na produção do jornal até o final. Os grupos de produção do jornal ficaram divididos em reportagem, fotografia, designer e diagramação e revisão de texto.

7.3 3ª ETAPA: APLICAÇÃO DAS OFICINAS

1ª oficina: Apresentação dos jornais locais e do conceito de comunicação.

A primeira oficina iniciou com a apresentação da acadêmica e do projeto, que tinha o objetivo de construir um jornal escolar executado pelos alunos. O meio abordou temas de interesse dos estudantes e atuou como uma ferramenta na qual eles puderam se expressar.

Primeiro contato com o veículo jornal impresso:

Neste momento foi apresentado o veículo jornal impresso para os alunos terem o primeiro contato com o produto. A facilitadora orientou como manusear, pediu para que observassem as dimensões do jornal, a qualidade do papel, os itens que contém no cabeçalho (título, local de publicação, data, ano, número, endereço, preço, editor responsável, slogan, logomarca), as cores, *layout*, as fotos, os diferentes tipos de letras, a numeração das páginas, os cadernos (policia, política e esporte). A partir de então, os estudantes viram que era possível fazer um jornal impresso.

Apresentação dos conceitos de comunicação:

Foi abordado o que é comunicação e feita uma breve explicação sobre o processo de comunicação (emissor, código, mensagem, canal, decodificador de mensagem, falha na comunicação, receptor). Em seguida, foi feita uma dinâmica (telefone sem fio) para mostrar, de forma prática, um processo de comunicação.

2ª oficina: Introdução ao processo de produção de um jornal

Produção de textos jornalísticos:

Primeiramente foi apresentado aos alunos diferentes tipos de textos jornalísticos (reportagem, nota, entrevista, crônica), exemplificando cada um deles da forma mais simples possível para que eles pudessem compreender com mais facilidade.

A produção de textos jornalísticos iniciou com a análise dos títulos das matérias principais (matérias da capa) de jornais impressos levados para sala de aula. A partir disso foi possível explicar o entendimento sobre o que é a manchete. Em seguida, pediu-se aos alunos para examinarem a capa de um jornal e classificar as chamadas por ordem de importância. Foram indagados se aqueles títulos instigavam a curiosidade deles, em seguida foram orientados a elaborarem manchetes com fatos reais ou inventados.

O objetivo era apresentar como é construída a capa de um jornal impresso, mostrar que os títulos das manchetes/chamadas têm que ser atrativos aos leitores e ainda a disposição gráfica dos elementos da capa do jornal. Por exemplo, eles

concluíram que a matéria mais importante do jornal é aquela que está mais destacada na capa, por conta dos diferentes recursos gráficos que ela utiliza.

Na oficina foram utilizadas matérias de jornais impressos fragmentadas em título, texto e imagem. Foi pedido que os alunos criassem títulos para textos, legendas para as imagens, e textos a partir do título. O objetivo da tarefa era fazer com que eles observassem as partes que compõem uma matéria jornalística e praticassem a produção textual.

Apresentação da estrutura de um texto jornalístico:

Para demonstrar aos alunos as particularidades do texto jornalístico, a pesquisadora explicou como deve ser o título. Destacou que as matérias jornalísticas iniciam com um título que deve ser um resumo da matéria, além de ser atrativo. Em seguida, tratou do lide, ou seja, da introdução da matéria. Explicou que para a elaboração dele, geralmente se leva em consideração as seguintes perguntas: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

Em seguida mostrou lides de diferentes jornais para os alunos e eles foram orientados a criar títulos e identificar as respostas às seis perguntas mencionadas acima. Posteriormente, eles criaram lides em seus cadernos, respondendo aos mesmos questionamentos.

Essa atividade visava mostrar que o primeiro parágrafo geralmente é utilizado para apresentar os fatos ao leitor e as informações complementares estão no resto do texto. Eles analisaram que algumas respostas para as seis perguntas nem sempre estavam no primeiro parágrafo.

Apresentação dos critérios de noticiabilidade:

Esse momento da oficina buscou introduzir o aluno no universo das notícias, apresentando os critérios para que um evento, fato, assunto, seja considerado notícia. Esclareceu-se que para isso, é preciso que seja algo relevante e de interesse social. Pode ser algo fora do comum, novo, inesperado. Foram apresentadas diferentes notícias, para que os alunos classificassem o critério utilizado naquela notícia. Eles avaliaram que a maioria das matérias eram de interesse social.

Produção de textos jornalísticos:

A facilitadora utilizou notícias de jornais, escreveu os elementos de um lide no quadro e pediu para que os alunos desenvolvessem uma notícia a partir das orientações repassadas, respeitando as regras de estrutura do texto jornalístico.

3ª oficina: Introdução à fotografia

Essa oficina necessitava de atividades práticas, mas devido à falta de equipamento, não foi possível que todos os alunos da turma tivessem contato com a câmera fotográfica. Também foi apresentado conceitos de fotografia e perguntado qual entendimento possuíam sobre isso. A oficina abordou, ainda, um breve histórico da fotografia, sua evolução e mostrou a importância deste recurso no jornal impresso.

Foram mostrados textos sem imagem e textos com imagem para eles verem que as ilustrações, fotos, caricaturas, anúncios quebram a monotonia e dão movimento ao texto. Foi destacado também a necessidade de apresentar quem é o responsável pela foto que ilustra a matéria, ou seja, quais eram os créditos das fotos.

Apresentou-se aos alunos os tipos de planos e ângulos fotográficos dentre eles, plano aberto, primeiro plano, plongée, contra-plongée, plano detalhe. Para finalizar a abordagem sobre fotografia, foi apresentado aos alunos conceito e exemplos de fotojornalismo.

Com câmera simples e de celular, os alunos experimentaram fotografar. Eles colocaram em prática alguns conceitos de ângulos e planos fotográficos.

4ª oficina: Introdução ao planejamento gráfico:

Nesse momento foram apresentados os conceitos e exemplos de planejamento gráfico para os alunos.

1 Os aspectos gráficos de um jornal impresso

Nessa parte da oficina foi abordado com a turma a variedade de caracteres tipográficos do jornal, como cores, fotos, gráficos. O objetivo foi mostrar como o jornal destaca as informações, variando os aspectos gráficos.

Foi levado para a sala de aula jornais impressos, com o objetivo de os alunos analisarem a diagramação e observarem a tipografia, como: alternâncias das cores,

linhas e volumes, caixa alta, caixa baixa, itálico, tamanho e tipo de fontes utilizadas. Posteriormente, os estudantes fizeram, em seus cadernos, esboços de diagramação para capa e interior do jornal.

7.44ª ETAPA: CONFECÇÃO DO JORNAL ESCOLAR

Definição do jornal e composição dos grupos

Depois de encerradas as oficinas, começou o processo de definir os itens do jornal. Para isso, foi estabelecido pauta, matéria principal, fontes de informação, nome, logo, cores, layout, tipo de letra, tamanho do jornal.

Quando chegou o momento de decidir a respeito do nome, cores e os elementos gráficos do jornal, os alunos colocaram em prática a criatividade. Deram as sugestões e justificativas para os possíveis nomes do jornal. As opções eram: Jornal do MDA, Pequenos Jornalistas, Notícias da Escola e Hora do Recreio. Houve a votação e foi definido o nome 'Hora do Recreio'. Na ocasião, definiram cor e outros elementos gráficos para o jornal.

Na reunião de pauta sugeriram destacar a falta de estrutura da escola. Alguns alunos pesquisaram a programação de eventos na escola no mês de setembro, outros sugeriram que seria interessante destacar pontos positivos e negativos da escola e do bairro, e assim foram surgindo as pautas. Na ocasião foram definidas as possíveis fontes e elaboradas sugestões de perguntas.

Abaixo, segue quadro de pautas elaboradas pelos alunos e os respectivos responsáveis pela produção da matéria.

Relação pauta/educando

Quadro 2: Temas de pautas e educando que produziu a matéria.

Temas de pauta	Educando
História da escola	Cláudio Santos
Lixo em torno da escola	Ana Valéria Santos
As belezas do bairro	Danielson de Paula
Escola aberta	Paulo Roberto
Falta de merenda	Abel Ricardo Ramos
Falta de estrutura da escola	Joelson Monteiro
Horta pedagógica	Ana Valéria Santos
Violência na escola	Danielson de Paula

Desfile de 13 de setembro	Emily Silva
Aniversário da escola	Alexandre Garcias
Falta de infraestrutura do bairro	Abel Ricardo Ramos

Fonte: Dados organizados pela autora, 2017.

As equipes de tarefas foram divididas de acordo com as habilidades/afinidade dos participantes.

Divisão das equipes

Quadro 3: Divisão dos grupos de produção do jornal

Equipe de reportagem	Abel Ricardo Ramos, Alexandre Garcias, Ana Valéria Santos, Cláudio Santos, Danielson de Paula, Emilly Silva, Joelson Monteiro, Paulo Roberto.
Fotógrafos	Ana Valéria Santos, Fernanda Silva, Pamela Lopes.
Equipe de design e diagramação	Valéria Leal, Jhuly Ayres, William Nunes.
Revisão de texto	Denise Abdon, Gabriel Tourinho, Mylene Oliveira.

Fonte: Dados organizados pela autora, 2017.

Produção do jornal:

Cada grupo fez o que lhe foi atribuído na etapa anterior, sempre com a orientação a acadêmica responsável por este projeto.

As entrevistas com as fontes foram feitas na escola e nas ruas do bairro, os áudios foram gravados com câmera simples ou com celulares, inclusive, com o da pesquisadora. Os alunos também anotavam as informações em papel, posteriormente eles transcreviam os áudios e escreviam a matéria.

Os textos e imagens foram transferidos para o *notebook* da facilitadora, foi feita a revisão textual e iniciou-se a diagramação do jornal. Depois de diagramado, ele foi finalizado com 8 páginas e 11 matérias.

Finalização

Os arquivos foram encaminhados para impressão. O jornal foi impresso em tamanho A4 e em preto e branco.

8 CONSIDERAÇÕES

Os alunos da escola estadual Mário David Andreazza não possuíam qualquer forma de exposição de seus pensamentos e opiniões, nem espaço para refletir temas que lhes afetam diretamente ou pensar sobre os problemas da comunidade escolar.

Muitas escolas não dão valor à livre expressão do educando, pois não reconhecem a importância de ouvir o que o aluno tem a dizer ou, por vezes, não quer ouvir, por ser mais conveniente assim. No entanto, os problemas da escola e da comunidade precisam ser discutidos para se buscar possíveis soluções.

O educando tem muito a dizer, basta dar-lhe espaço e incentivar a prática. O jornal é uma forma simples de divulgar a escola e expor pensamentos. Por isso, o projeto incentivou a produção de um jornal escolar e proporcionou ao educando um espaço de reflexão sobre temas relacionados ao ambiente em que está inserido. Nesse processo, o jornal levou os estudantes a uma visão crítico-reflexiva sobre sua realidade e a analisar diferentes jornais impressos levados para a sala de aula.

O processo de produção do jornal envolveu os alunos, pois gerou um momento de socialização de ideias e percepções. O educando melhorou sua escrita e leitura e ampliou seu conhecimento nos assuntos tratados no jornal, por meio da elaboração e execução das matérias.

O jornal tornou-se uma ferramenta de divulgação de assuntos do interesse dos alunos. Este meio de comunicação criou um diálogo entre educando, professor e direção, tornando a escola um ambiente mais democrático. Envolveu os setores da escola no momento em que os alunos foram buscar informações e fazer as entrevistas para suas matérias. Esse contato aproximou os alunos, professores, coordenadores e demais servidores possibilitando uma relação diferente daquela que existia.

Desta forma, a pesquisa que teve como problema inicial averiguar se o jornal escolar poderia contribuir para uma formação crítico-reflexiva dos estudantes, constatou *in loco* que tal instrumento é eficiente e que pode mobilizá-los. Ainda que tenha sido considerado, no primeiro contato com eles, como algo retrógrado.

Logo, a hipótese levantada de que o jornal escolar contribui com a formação crítico-reflexiva dos educandos do ensino fundamental e incentiva o hábito da leitura

foi plenamente confirmada, pois contou com a participação dos alunos na construção do instrumento.

Porém, ainda é necessário incentivo por parte da escola e demais órgãos responsáveis pela educação para que trabalhos semelhantes possam gerar futuros leitores com senso de cidadania, e que consigam de forma crítica e reflexiva assumir seu papel de ator na sociedade.

Lidar com pessoas no geral é tarefa complicada. No caso de pré-adolescentes, a situação pode se agravar, pois estão em uma fase de rebeldia e autoconhecimento. Observou-se que dentre os educandos sempre há aqueles que não têm interesse em participar e que encaram o fato de ter que frequentar a escola como uma 'tortura'. Alguns daqueles alunos não têm incentivos para buscar um futuro melhor e não compreendem a importância da educação para a sua vida.

Mas há aqueles interessados, que participam e querem aprender. Para ter resultado com a turma foi preciso paciência, dar atenção, orientar, cobrar, incentivar a fazer suas atribuições. A partir disso as coisas fluíram, as fontes eram acessíveis, as matérias foram produzidas, os alunos se empenharam e o jornal foi concluído com sucesso.

Diante de tudo isso, viu-se que a escola pode ser um ambiente democrático e acessível, em que a direção, professores e alunos compartilham pensamentos, sentimentos e atitudes. Eles compreendem que cada um tem seu papel e que pode olhar para o lado e contar com o outro, pois juntos constroem uma comunidade escolar que almeja um futuro melhor e acredita em uma comunidade forte e próspera formada pela integração de todos.

REFERÊNCIAS

BARROS FILHO. Clóvis. *Ética na Comunicação*. 6. Ed. Rev. E atual. São Paulo: Sammus, 2008.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. Coleção Primeiros Passos. Editora brasiliense, 1997.

CARDIA. Wesley. **Crise de Imagem e Gerenciamento de Crise**. Muad X, 2015.

COLLARO, Antônio Celso. **Produção Gráfica: arte e técnica da mídia impressa**. São Paulo. Pearson Prentice Hall, 2007.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo** – Redação, Captação e Edição no Jornal Diário. São Paulo, Editora Ática. 2002.

FARIA. Maria Alice. **O Jornal na Sala de Aula**. Ed. Contexto. São Paulo. 1989.

FERRARI, SODRÉ. Muniz, Maria Helena. **Técnica de reportagem: Notas sobre a Narrativa Jornalística**. Ed. Sammus. São Paulo, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, Rio de Janeiro- RJ, 1970.

_____. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

GAIA, Rosana Viana. **Educomunicação e Mídias**. Ed. UFAL Maceió, 2001.

GALTUNG, Johan e RUGE, Mari Holmboe. **A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros**. In.: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Tradução: Luís Manuel Dionísio. Lisboa: Vega, 1999.

GERBASE, Carlos. **Primeiro Filme: Descobrimos - Fazendo – Pensando**. Disponível em: <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 01 de ago. de 2016.

GOMES. Itania Maria Mota. **Efeitos e Recepção: A interpretação receptivo em duas tradições de investigação sobre os medias**. Rio de janeiro. *E-papers serviços editoriais*, 2004.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal Escolar e Vivências Humanas: Um Roteiro de Viagem**. Livros LabCom. 2013.

KAPLÚN, Mario. *Processos Educativos e Canais de Comunicação*. *Comunicação e Educação*, n.14, jan./abr. 1998. In CITELLI e COSTA, Adílson Odair, Maria Cristina Castilho, **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. 2ª edição. Paulinas. 2011.

KUBRUSLY, Claudio A. **O que é fotografia?**. Coleção primeiros passos. São Paulo. Editora Brasiliense. 4ª ed. 2006.

KUNEZIK, Michel. Conceitos de jornalismo Norte e Sul manual de comunicação. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo 2002.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados**. Ed Loyola. São Paulo, São Paulo.1986.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Série Jornalismo a Rigor. V.5. Florianópolis. Insular, 4ª edição, 2012.

LOPES, Maria Immaculata Vassallo de. **Pesquisas de Recepção e Educação para os Meios**. Comunicação e Educação, São Paulo, n. 6, p. 41-46, maio/ago. 1996. In CITELLI e COSTA, Adílson Odair, Maria Cristina Castilho, **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. 2ª edição. Paulinas. 2011.

LUTZ, Cleyton Pereira. **O Jornal Impresso na Educação: Uso e Perspectivas**. HISTEDOPR, Cascavel-PR, 2013.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é Cidadania?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo-SP. Editora brasiliense, 1991.

MATÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios Culturais: da comunicação à Educomunicação**. Comunicação e Educação, n.18, maio/ago. 2000. In CITELLI e COSTA, Adílson Odair, Maria Cristina Castilho, **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. 2ª edição. Paulinas. 2011.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: Tríade do século XXI**. Comunicação e Educação, n.23, jan./abr. 2002. In CITELLI e COSTA, Adílson Odair, Maria Cristina Castilho, **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. 2ª edição. Paulinas. 2011.

PIOVESAN, Ângelo. **Rádio Educativo: Avaliando as Experiências das Décadas de 60/70** in KUNSCH. Margarida Maria Krohling. **Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados**. Ed Loyola. São Paulo, São Paulo,1986.

SAVIANI, Demerval. **Educação Brasileira - Estrutura e Sistema**. Autores Associados. 10ª Edição. Campinas-SP, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23ª Edição. São Paulo Ed. Cortez, 2007.

SILVA, Sandro Takeshi Munakata da. **Teorias da Comunicação nos Estudos de Relações Públicas**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo**. 3º Edição. Editora Autêntica. 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Ecosystemas comunicativos**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>> acesso em: 10 de out. de 2014.

_____. **A Comunicação e o Ensino Médio**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 10 de out. de 2014.

_____. **Mas, Afinal, o que é Educomunicação?**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 10 de out. de 2014.

_____. **O Perfil do Educomunicador**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 10 de out. de 2014.

_____. **Uma Educomunicação para a Cidadania**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 10 de out. de 2014.

_____. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação**, 2ª edição. Paulinas, 2011.

_____. **Educomunicação: Um campo de mediações**. Comunicação e Educação, 2000. In CITELLI e COSTA, Adílson Odair, Maria Cristina Castilho, **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. 2ª edição. Paulinas. 2011.

SOARES, Maria Antonia Vieira; PIGNATARI, Rosa Malena. **Educomunicação e mediação tecnológica**: colocações conceituais para refletir sobre a possibilidade da prática educacional em ambiências eclesiais. Ecclesicon-Universidade Metodista, São Paulo, 2011.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO AMAPÁ. **Apresentação de Audiências Públicas da Comarca de Macapá**. Macapá. 2015. Disponível em: www.tjap.jus.br/stories/documentos. Acesso em: 25 de jun. de 2017.

ANEXO